
As videoaulas e os desafios para a produção de material didático: pensando a docência na educação online

Video lessons and challenges for the production of didactic material: thinking about teaching in online education

Vivian Martins

Instituto Federal do Rio de Janeiro
vivian.martinst@gmail.com

.....

Joelma Fabiane Ferreira Almeida

Colégio Pedro II
elma.faby.ane@gmail.com

Resumo

Temos vivenciado um contexto social em que as formas de comunicação migraram para outros espaços e tempos, engendrados e potencializados pelo ciberespaço. Atualmente podemos viver novas experiências comunicativas, em qualquer lugar e em qualquer tempo, e que são mediadas pelos usos de modernos e complexos recursos audiovisuais. Este novo cenário tem gerado relevantes mudanças nas práticas de educação a distância. As videoaulas, por exemplo, têm se destacado desde que suas formas de produção e compartilhamento foram afetadas pelo potencial das redes digitais na cibercultura. Acreditamos que esta nova realidade demanda mudanças nas práticas pedagógicas e a criação de dispositivos que possibilitem ações educacionais interativas rumo a uma aprendizagem significativa. Diante do exposto, apresentamos o questionamento que dá sentido ao estudo narrado neste artigo: como as estratégias de ensino e aprendizagem e as perspectivas de interação subjacentes ao material didático, em especial as videoaulas, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Virtual favorecem a formação dos aprendentes? Em busca de respostas para esta pergunta, praticamos o método da pesquisa exploratória, em que observações no campo, entrevista semiestruturada e aplicação de questionário foram os instrumentos de produção de dados que nos ajudaram na construção de ponderações sobre o uso de videoaulas na educação online. A partir da reflexão dos docentes sobre o processo de produção do material didático do curso, em especial as videoaulas, emergiram as seguintes categorias e subcategorias de análise: situações de aprendizagem, domínio das linguagens, abordagem teórica e prática, estímulo à autonomia e incentivo às interações. Como achado da pesquisa, afirmamos que a produção de videoaulas não deve ser vista como atividade-fim da educação online, mas como um novo caminho rumo a práticas ciberculturais de construção dos conhecimentos.

Palavras-chave: Educação a distância. Vídeos educativos. Produção de material didático.

Abstract

We have been living in a social context where the ways of communication have migrated to others spaces and times that are architected and potencialized by the cyberspace. Now we can live new communicative experiences, anywhere, anytime and that are mediated by the use of modern and complex audiovisual resources. This new scenario has caused important changes in Online Education practices. Video classes, for example, have stood out since their forms of production and sharing have been affected by the digital network potential begotten in cyberculture. We believe that this new reality demands changes in pedagogical practices and the creation of devices through which we can make possible several interactive educacional actions that provide a meaningful learning. By this way, we present the question that adds meaning to the case discussed in this article: how learning strategies and interaction perspectives underlying the didactic material, especially the video classes, may favor students' formation at Pedagogy Virtual Course at Federal University of Paraíba (UFPB-Virtual)? Looking for answers to this research question, we carried out an exploratory research where observations, semi-structured interview and a questionnaire were the instruments used to produce data that helped us to create deliberations about the use of video classes in online education. Considering the reflexion on teachers narratives about the didatic material production, we destac the following analitical categories: learning situations, grasp of digital languages, academic and pratical approach and the incentive to interactive educational actions. These one's analysis showed us that video classes must not be produced as a main object of the learning process, but as a possible way towards new forms of knowledge construction in cyberculture.

Key words: Distance education. Educational videos. Production of didactic material.

Conversas Iniciais

Na era das relações sociais em rede, percebemos mudanças em diversos aspectos da vida em sociedade, posto que as evoluções tecnológicas vão além do avanço na capacidade de armazenagem de dados e na velocidade com que são processados. É na evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e na sua capacidade de ressignificar costumes, culturas, maneiras de refletir o mundo e de aprender que a sociedade atual encontra os fundamentos de muitas das suas principais características.

As mídias, entendidas aqui como o conjunto de veículos e linguagens para a realização da comunicação humana no cumprimento de diferentes interesses e propósitos, aliadas a todas as formas de interação proporcionadas pela Internet, foram incorporadas ao cotidiano das pessoas e passaram a significar mais que

simplesmente tecnologias. Para seus frequentes usuários, elas passaram a significar companhias, complementos, continuação de seus espaços de vida (KENSKI, 2007). No contexto educacional em rede, a *aprendizagemensino*, adotamos tal forma de inscrita inspirada em Alves (2008), para quem a escrita conjunta dos termos atua como um posicionamento contra a ciência moderna que separa as palavras como semelhantes, mas opostas entre si, passou a ser pautada na autonomia, na colaboração e na interação com as TIC e através delas.

As ações humanas parecem estar em constante processo de reconfiguração, pulsante nas formas de vivência na interface cidade-ciberespaço, fundamentadas na cibercultura. Nela, estamos dispostos em rede, interconectados com um número cada vez maior de seres e coisas, numa frequência de acessos e trocas que só faz crescer. Trata-se de uma cultura que evolui no ritmo do ciberespaço e edifica uma sociedade estruturada por meio de uma conectividade em rede, generalizada (LEMOS, 2004; BORGES, 2010).

E é nesse cenário cibercultural que a Educação Online se destaca e assume papel mais relevante: o de combinar educação, tecnologia, interatividade, aprendizagem colaborativa, cocriação, entre outros, disponibilizando novas possibilidades de consolidação de saberes, pautadas na colaboração e no respeito às singularidades. Os cursos online propõem estratégias metodológicas que dinamizam o processo de *aprendizagemensino* na cibercultura, “Processos de aprendizagemensino, que não só supõe o vínculo entre os termos como parte da ideia de que as aprendizagens precedem o ensino, defendemos simultaneamente duas noções: a de que aprendemos, cotidianamente, muitas coisas que não nos são ensinadas, ao contrário do que supõe o formalismo hegemônico que entende a ação formal de ensino como condição necessária a aprendizagem e a de que, nas escolas, não podemos nos conformar com um ensino que não produza aprendizagens” (OLIVEIRA, 2013, p. 377). Recursos dos tipos fórum, chats, hipertexto, e-mails, videoconferências, blogs, redes sociais e vídeos são dispositivos tecnológicos típicos da cibercultura e usualmente presentes na educação online. Uma vez combinados à didáticas dialógicas de ensino, podem contribuir para que o distante se torne próximo e que se estabeleçam novos formatos de educação.

Mediante o panorama das mudanças presentes na sociedade em tempos de cibercultura, a educação é convocada a assumir um papel fundamental na produção de conhecimentos através do uso das tecnologias, em especial com usos audiovisuais. E focar na redefinição de categorias capazes de elucidar a complexidade social e suas múltiplas determinações (BRENNAND; GUIMARÃES, 2007) nos processos de *aprendizagemensino* online.

Diante das conjunturas apresentadas, indicamos como objetivo do presente estudo compreender como as estratégias de *aprendizagemensino* e as perspectivas de interação subjacentes ao material didático, em especial as videoaulas, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB Virtual favorecem a formação dos aprendentes (forma como identificamos os estudantes do curso). Como método foi realizada uma pesquisa exploratória, com entrevista semiestruturada, aplicação de questionário, observação com registros por meio

de fotografias, anotações e gravações de áudio para compilar as pistas encontradas. Além disso, foi observada a interação no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Curso, possibilitando que ponderações relevantes sobre o objeto de estudo pudessem ser identificadas e utilizadas na formulação de ações posteriores.

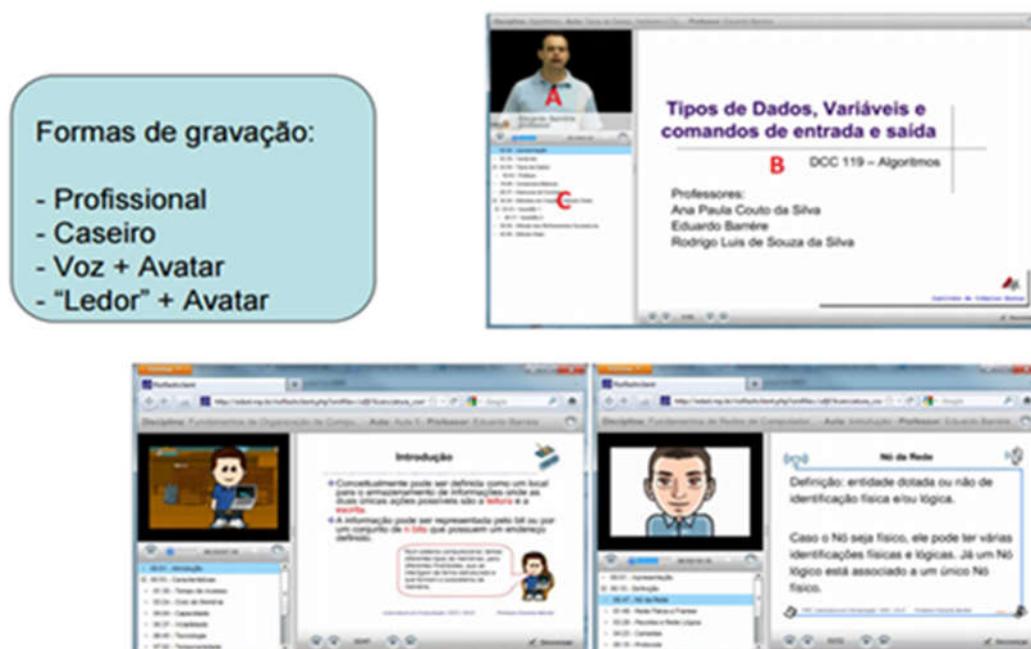
O presente texto foi desenvolvido em tópicos específicos: na seção 1, esta introdução, apresentando o contexto da pesquisa, o objetivo do estudo e o método desenvolvido; na seção 2, reflexões sobre as videoaulas na educação online; na seção 3, a elucidação do método utilizado na pesquisa; na seção 4, considerações sobre o processo de elaboração de videoaulas para a educação online; na seção 4, os resultados, com as categorias e subcategorias encontradas a partir da vivência no campo de pesquisa”; e na seção 5, as considerações conclusivas, com uma síntese dos conteúdos abordados.

As videoaulas e seu destaque na educação contemporânea

A videoaula é um gênero de vídeo educativo que iniciou com a emergência das filmadoras e dos videocassetes e a partir das transmissões televisivas, como por exemplo, com o Telecurso, instituído no final da década de 1970. Com o advento da internet, esses vídeos ganharam maior circularidade e a produção foi facilitada a partir da cibercultura, tendo em vista a maior utilização das tecnologias pelos usuários finais, proporcionando uma crescente expansão do uso. Já que as pessoas passaram a se autorizar, criando videoaulas sobre temas e contextos diversos.

A videoaula é um objeto de aprendizagem caracterizado por uma gravação, com autoria de um praticante mediador de conteúdos que utiliza seus conhecimentos para explanar sobre determinado assunto. A mixagem de gêneros (entrevista, ficção, documentário, entre outros) é uma possibilidade para incrementar a aula expositiva. Na imagem a seguir é possível identificar algumas características comuns às videoaulas, como alguns formatos de gravação e algumas variáveis encontradas usualmente, como, por exemplo, a imagens do docente, uma apresentação elaborada por programa de criação, edição e exibição de apresentações gráficas, uma captura da tela do computador para exemplificação de uma atividade, entre outros.

Figura 1 – Produção de videoaula pela RNP



Fonte: Barrère, Scorteagagna e Lélis (2011).

As videoaulas configuram-se como mais um artifício usado na educação online para promover a disseminação de conteúdos de aprendizagem. São recursos audiovisuais desenvolvidos com o objetivo de potencializar o acesso aos conteúdos e sua assimilação. Arroio e Giordan (2006, p. 9) afirmam que

essa modalidade se mostra didaticamente eficaz quando desempenha uma função informativa exclusiva, na qual se almeja transmitir informações que precisam ser ouvidas ou visualizadas e que encontram no audiovisual o melhor meio de veiculação.

Os vídeos educativos podem ser produzidos em diversos formatos, tais como: entrevista, enquete, reportagem, debates, documentário, tutorial e clipes. Na prática, geralmente são utilizados para aprofundar as discussões apresentadas pelos educadores. Especificamente na educação online, esses vídeos fazem parte do conjunto de recursos que constituem o material didático, diversificando as formas de acesso às informações. Arroio e Giordan (2006) apresentam os vídeos educativos em três modalidades diferentes:

- **Videoaula:** Recurso em que predomina a exposição verbal e sistematizada dos conteúdos, trabalhando a aprendizagem durante a exibição. Pode ser usado para complementar a explicação do assunto ou facilitar a explicação de situações difíceis de serem vivenciadas, como, por exemplo, a visualização em 3D do movimento rotacional de figuras geométricas planas sobre seu próprio eixo.
- **Vídeo-motivador:** Modalidade em que o vídeo é destinado a suscitar uma atividade posterior a sua exibição, trabalhando a aprendizagem, sobretudo, após a exibição. Seu objetivo é, fundamentalmente, o de despertar no aprendente o interesse em aprender mais sobre o assunto

abordado no vídeo, motivando-o, gerando questionamentos e despertando sua curiosidade.

- *Vídeo-apoio*: Funciona como um conjunto de imagens em movimento, usadas para ilustrar as falas do educador. Esse recurso, em geral, não aproveita o potencial da linguagem audiovisual, mas apenas sua capacidade ilustrativa.

As três modalidades de vídeos educativos podem ser recursos eficazes, dependendo do contexto de uso. Para cada situação de aprendizagem, uma modalidade poderá ser mais adequada, o que não impede que as outras também possam ser utilizadas. Seja como for, o predomínio de uma delas refletirá a prática docente e as estratégias cognitivas praticadas pelo Curso que a produziu.

Atualmente, a videoaula é um dos vídeos mais usuais na educação online e apresenta características da cultura de massa e da cibercultura. Muitos canais educacionais do YouTube utilizam o gênero de vídeo para compartilhar conhecimentos de maneira tradicional, uma das críticas a esse gênero de vídeo é a falta de interatividade e sua utilização como mídia de massa, com aula expositiva e transmissão de conteúdos por professores conteudistas. Mas ela pode ocorrer em diferentes formatos audiovisuais, dependendo da proposta pedagógica idealizada. Ou seja, não está exclusivamente ligada ao formato de preleção, tutoriais e instrumentais.

A videoaula não é necessariamente produzida em estúdio, com elementos profissionais. Também pode ser realizada de forma intuitiva, gravada com software de captura de tela e áudio disponíveis online (gratuitamente em alguns casos), e com dispositivos domésticos. Inclusive, grande parte dos praticantes desenvolve essas estratégias para comunicar e estar condizente com as mudanças sociotécnicas. O mais importante para o gênero não é a qualidade técnica somente, mas a combinação com a pedagógica. É fundamental que, ao planejar uma videoaula, o praticante esteja atento e entregue às questões educacionais.

Sena (2012) crítica a videoaula utilizada como recurso massivo, de aula expositiva e transmissão de conteúdos pelo professor conteudista, sem estar atrelada à interatividade entre docente, aluno e conteúdo. A autora destaca a potência dos vídeos na cibercultura e reconhece que as videoaulas têm sido muito utilizadas em cursos online. Entretanto, vê a videoaula com interatividade reduzida como um obstáculo à educação de qualidade. E complementa:

Nessa perspectiva, ressalta-se a baixa interatividade em videoaulas gravadas em CD ou DVD quando esta se resume apenas à transmissão dos conteúdos das disciplinas exclusivamente por meio deste recurso, confirmando que, nesse caso, aplica-se a terminologia intermediação tecnológica (SENA, 2012, p. 07).

A autora não desqualifica a videoaula em si, contudo, destaca que a videoaula deve superar práticas educativas de concepções transmissivas e conteudistas e atuar em conjunto com processos de *aprendizagem em* *sino* focados nas individualidades e subjetividades do sujeito. Entende-se aqui que a forma de utilização de uma videoaula depende dos objetivos pedagógicos de quem a elabora. Podemos identificar alguns desses objetivos a seguir:

Assim, pedagogicamente, as videoaulas possibilitam criar um vínculo comunicativo entre os conteúdos e o aprendiz, de forma criativa, interessante e motivante, estimulando seus sentidos (incluindo as emoções), como preconiza Christian Metz (2004, p. 16) da “impressão de realidade” vivido pelo espectador diante da projeção do filme, momento em que é desencadeado “no espectador um processo ao mesmo tempo perceptivo e afetivo de ‘participação’, imediatamente conquistando uma espécie de credibilidade, que não é total, mas que é mais forte do que no teatro, por exemplo” (MARTINS; BARRETO; BORGES, 2009, p. 8).

As características destacadas por Martins, Barreto e Borges (2009) ressaltam o potencial pedagógico das videoaulas, destacando suas potencialidades como: vínculo comunicativo, motivação, instigando sentidos e afetos. No planejamento da videoaula devem-se considerar os aspectos psicológicos da aprendizagem humana para alcançar maior eficácia. A potência interativa dos vídeos na cibercultura é enorme.

Pela natureza unidirecional de muitos canais de videoaulas, identificamos a recorrente falta de interatividade, como a falta de resposta aos comentários e questões postadas, por exemplo. Contudo, não precisa ser um obstáculo à educação de qualidade, ações podem ser planejadas para melhorar essa questão, para que a educação a distância não seja uma simples transposição da educação presencial tradicional. As novas práticas pedagógicas podem proporcionar interatividade entre os praticantes culturais, basta compreender características da cibercultura, como a liberação do polo de emissão, a conexão generalizada e a reconfiguração (LEMOS, 2002) para melhores práticas com videoaulas.

A maior parte das videoaulas disponíveis em rede ainda está no formato de preleção, ou seja, são basicamente aulas expositivas, talvez pela influência ainda muito marcante do ensino presencial tradicional nas práticas educacionais contemporâneas. A proposta pedagógica pode mudar, estabelecendo dinâmicas abertas, em rede, hipermediáticas e oportunidades para o aluno se comunicar com o docente por meio de comentários ou dúvidas, que sejam respondidas, estimulando o debate. Por se tratar de uma atividade assíncrona, é relevante que a comunicação seja estabelecida para clarificar os entendimentos, as mensagens nas entrelinhas e diminuir ruídos.

Quadro 1 – Exemplos de videoaulas disponibilizadas no YouTube.

Exemplo	Acesso	Observação
<p>Programa Salto para o Futuro da TV Escola com o tema Tecnologias na Educação. Entrevista sobre os resultados da pesquisa TIC Educação 2015, realizada pelo Cetic.br.</p>	 <p><https://tvescola.org.br/tve/video/salto-para-o-futuro-tecnologias-na-educacao></p>	<p>A videoaula comporta diferentes gêneros e estilos, por isso, a entrevista pode ser utilizada como videoaula.</p>

<p>Videoaula sobre Avaliação da Aprendizagem em Educação Online ministrada pelo professor Marco Silva.</p>	<p> <https://www.youtube.com/watch?v=S7uUd6afEYE></p>	<p>O professor disserta sobre um assunto específico, de forma breve, precisa e trazendo exemplos. Os espectadores interagiram inserindo comentários.</p>
--	--	--

Fonte: Próprias autoras (2018)

Nossa concepção de aula prevê criatividade, autoria e interatividade. Combinar diferentes linguagens e diversos gêneros de vídeos pode resultar em bons objetos de aprendizagem, como uma videoaula com hiperligações, leve e curto, considerando a demanda cibercultural de mobilidade, e que considere a cocriação de conhecimentos por parte dos aprendentes. Combinações coerentes e de possível coexistência, podem suprir a falta da interatividade denunciada por alguns autores para o gênero.

Produção de material didático digital na Universidade Federal da Paraíba: o desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no curso de Graduação em Pedagogia na modalidade à distância, oferecido pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, criado em 2006. Conforme consta no Projeto Político Pedagógico do Curso, seu objetivo principal é formar professores para atuarem no segmento educacional, com estudantes na faixa etária de zero a seis anos. Iniciou com um total de 400 vagas, distribuídas entre os polos municipais de apoio presencial nos estados da Paraíba e de Pernambuco. Atualmente, esses polos são: Araruna, Cabaceiras, Campina Grande, Coremas, Conde, Cuité do Mamanguape, Duas Estradas, Ipojuca (PE), Itabaiana, Itaporanga, João Pessoa, Limoeiro (PE), Lucena, Mari, Pitimbu, Pombal, São Bento e Taperoá.

No âmbito do curso de licenciatura em pedagogia da UFPB Virtual, campo da pesquisa aqui abordada, acreditamos na educação online como uma educação com modos especiais de administração e organização, pautada na aprendizagem autônoma e dialógica, e que requer meios técnicos para mediatizar essa comunicação. Nesse contexto, buscamos a presença das tecnologias na educação online não somente como meio de melhorar a eficiência desse sistema educacional, mas, principalmente, como tecnologias inteligentes efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo. Isso pode ser possível porque no ciberespaço, ambientes de interação como redes sociais, forma de representação dos relacionamentos dos indivíduos entre si e com os grupos de interesses comuns. No ambiente digital, redes sociais são as relações entre os indivíduos, mediadas por computador, comunidades de relacionamento e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que é um ambiente tecnológico no ciberespaço, que permite o processo de ensino e aprendizagem através da mediação pedagógica entre alunos ou um grupo de alunos, e o professor ou um

grupo de professores, ou outros agentes geograficamente dispersos (TAROUCO, 2002), possibilitam modos de educação que não mantenham o foco apenas na relação educação/produção econômica, mas, principalmente, na formação integral do indivíduo (BRENNAND; GUIMARÃES, 2007).

Uma das autoras atuou como pesquisadora e mediadora do curso, viajando pelos sertões para encontrar com os alunos, realizar as entrevistas de pesquisa e sentir de perto o cotidiano nos polos. Percebeu um expressivo número de aprendentes, a maioria estreada nessa modalidade educacional, com dificuldades para lidar com as mudanças no processo de *aprendizagemensino* que a educação online proporciona. Tais dificuldades percebidas e que elucidaram o interesse por esta pesquisa correspondem, principalmente, às técnicas do processo e suas novas características didático-pedagógicas.

De modo geral, o observado foi que, ao se deparar com os desafios de atuar frente às particularidades que o ciberespaço evoca ao contexto educacional, os aprendentes buscavam, no material didático do curso, um caminho para vencer tais desafios. Não que a recorrência ao material fosse a única forma buscada pelos aprendentes de superar as dificuldades, mas a pesquisa nos mostrou que esta busca se configurava como a principal, a primeira a ser praticada. Diante da significativa participação do material didático na vida acadêmica dos estudantes, surgiu a inquietação em buscar resposta para questão: como as estratégias de *aprendizagemensino* e as perspectivas de interação subjacentes ao material didático (videoaulas e objetos de aprendizagem) do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB Virtual favorecem a formação dos aprendentes?

Nesse sentido, buscamos compreender os resultados da interação dos aprendentes com o referido material, bem como o papel de docentes e discentes na sua produção, no que tange às possíveis contribuições à sua formação integral. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória, a qual possibilita que questões relevantes sobre o objeto de estudo possam ser identificadas e utilizadas na formulação de ações posteriores. Gil (1999, p. 43) enfatiza que esse tipo de estudo “tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de ideias e hipóteses pesquisáveis”. Participaram da pesquisa, docentes e aprendentes, bem como os profissionais da equipe de produção do material didático do curso (professores, designers, comunicólogos e informatas).

Para produção de dados, foram praticadas a observação, a entrevista semiestruturada e a aplicação de questionário. Durante as viagens aos polos onde o curso era ofertado, fotografias, anotações e gravações de áudio foram alguns dos meios de registro das pistas encontradas. Além disso, foi observada a interação no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso, momento online da observação, em que a pesquisadora se integrou ao ambiente em busca de mais rastros de sua formação.

O AVA onde acontece o processo de ensino e aprendizagem foi desenvolvido no Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle), em português Ambiente de Aprendizagem Dinâmica Orientado a Objeto Modular, que é um sistema de gerenciamento de aprendizagem, mais especificamente focado na gestão da aprendizagem na web (PULINO FILHO, 2009). Foi criado

pelo educador Martin Dougiamas e constitui-se basicamente de um conjunto de dispositivos midiáticos, dispostos numa interface que faz da aprendizagem a tarefa central, de acordo com Lévy (1993), essa interface refere-se à linguagem de comunicação visual empregada no ambiente, a fim de facilitar seu uso e torná-lo mais atrativo.

A partir do advento da educação online, formas de acompanhar a evolução das ações humanas nas redes digitais, bem como contribuir para importantes descobertas de teorias e práticas de *aprendizagem ensino* ciberculturais foram desenvolvidas. No caso aqui apresentado, trazemos contribuições acerca da participação coautoral de docentes e discentes na produção do material do curso de Pedagogia a distância do qual são sujeitos, como caminho para compreendermos formas de potencializar uma aprendizagem significativa para ambos.

Considerações para a preparação de videoaulas para a educação online

No curso de Pedagogia da UFPB Virtual, há uma equipe multidisciplinar envolvida no processo de produção, validação e distribuição das videoaulas. Além do Professor responsável pelo componente curricular, também respondem pelo planejamento, pela gravação e pela editoração: a diretora de gravação (presente no planejamento, na gravação e nos momentos que a sucedem), um produtor (presente no planejamento e na gravação), dois cinegrafistas (atuantes somente na gravação) e um editor (finalizador do material que atua após a gravação).

Em entrevista realizada com a diretora de produção de videoaula, em busca da compreensão das técnicas de produção desse recurso, ela descreve o processo com as seguintes colocações:

Não é uma produção do agora, não é redação de TV, é uma produção bem mais trabalhada; É realmente sentar com os professores e pensar como produzir essa videoaula, como transformar aquela aula de sala de aula num vídeo; É pensar o tempo inteiro em imagens que ensinem.

Percebe-se tanto a descrição da videoaula como um trabalho diferente daqueles em que geralmente atuam os comunicólogos, quanto a menção ao trabalho multidisciplinar e colaborativo na produção desse recurso, devido à necessidade de serem planejadas questões técnicas e pedagógicas. Esse é um reflexo do perfil multifuncional e da capacidade de agir coletivamente que a sociedade em rede exige na formação dos indivíduos.

No Curso, os vídeos educativos são oficialmente denominados videoaulas. O recurso é produzido pelo próprio corpo pedagógico do curso, com o objetivo de complementar e aprofundar alguns assuntos abordados pelos educadores no material impresso e/ou nos objetos de aprendizagem, conforme explica a diretora de produção: *Vejo como um pacote, a videoaula soma com as Trilhas, soma com o que tem feito, só que com um formato diferente, para colaborar com o aprendizado do aprendente.*

Segundo Azevedo et.al. (2009), uma vez que o foco é o aprendizado, deve-se considerar a dimensão pedagógica da produção, para a qual a participação do educador é indispensável. É ele o responsável pelo componente curricular (disciplina), de quem se espera não só domínio do conteúdo, mas também o conhecimento das reais necessidades de aprendizagem dos aprendentes que precisam direcionar o planejamento das videoaulas.

A parceria entre o professor e a equipe de produção de videoaulas aparece constantemente nos discursos da diretora da equipe, que demonstra preocupação com o espírito colaborativo do processo:

Pensamos junto com o docente, ele na forma como trará o conteúdo e eu como mostrar esse conteúdo: como é mais interessante cortar de uma câmera pra outra, jogar uma imagem ou trilha sonora. O professor tem a ideia da sala de aula, da palavra, do texto, mas não tem a ideia da imagem, do áudio e do visual. Juntos, teremos que pensar através de imagens, de sons, então é um desafio.

O momento em que essa parceria tem maior destaque é na construção do roteiro da videoaula (planejamento), que deverá conter um “esboço da narrativa que, através de imagens e sons, buscará apresentar o conteúdo da aula” (AZEVEDO et. al., 2009). Em outras palavras, é na roteirização que o produtor do vídeo e o docente definirão as ações potencializadoras da compreensão do conteúdo pelo aprendente.

No caso do curso de Pedagogia da UFPB Virtual, a construção do roteiro é descrita pela diretora de produção de videoaulas como *um processo que precisa muito que o professor esteja em sintonia com o diretor ou com o produtor; é o guia sobre o que falar, quando falar, como fazer*. Trata-se de um roteiro flexível, passível de modificações e improvisos até o momento da gravação: *Não é um roteiro fechado, se o professor falar algo que não estava no roteiro e eu achar interessante, então a gente aprofunda nisso*.

Percebe-se que a videoaula é um recurso cuja produção proporciona experiências inéditas para seus sujeitos. Especificamente para o professor, ela se configura como mais um dos tantos desafios experimentados ao lidar com produção de material didático para a educação online. Sobre isso, a diretora expressa: *imagem, som, essa é minha realidade, a do professor é outra totalmente diferente, em estúdio quando vamos gravar não tem o aprendente dele, ele vai trocar ideia com a câmera*. Os professores também citam essa dificuldade em seus discursos.

Daí surge outro fator importante que é exigido do professor: capacidade para atuar na linguagem audiovisual. Ele será o interlocutor das videoaulas e, para tanto, precisará estar preparado para lidar com as normas ditadas pela estética televisiva, tais como exploração da expressão corporal, clareza na dicção e segurança na voz. A diretora de produção entrevistada afirma: *O professor fica tímido e, muitas vezes, não entende o modo como vamos trabalhar a videoaula, ele está lidando com uma equipe que não é de alunos, é uma equipe de gravação*.

Por outro lado, ela também observa que os professores se interessam em estar bem nas videoaulas. Em outras palavras, os docentes começam a despertar

para as especificidades do trabalho com mídias audiovisuais e passam a refletir sua atuação, como narra a diretora: *Eles se preocupam com o tom de voz, com as palavras utilizadas, com o que vão apresentar para o aprendente, eles têm um senso muito crítico.*

Uma das principais vantagens da produção de videoaulas é a regravação. Isso significa que o professor tem a possibilidade de repetir o que foi planejado quantas vezes for preciso, a fim de alcançar o melhor resultado possível para sua apresentação. Isso não é possível de acontecer, por exemplo, num momento de aula presencial ou, até mesmo, no envio de um *feedback* sobre um questionamento posto pelo aprendente no AVA.

No caso da educação online, outras vantagens são a possibilidade de estabelecer uma “aproximação” entre educador e aprendente, através da interação audiovisual, e o impulso às formas de disponibilizar o conteúdo. A combinação de efeitos de som, imagem, animação e encenação potencializam essa sensação de proximidade que pode, sobretudo, sensibilizar o aprendente para a aprendizagem (CARDOSO e SILVA, 2008).

A combinação desses elementos com a criatividade no roteiro e com o suporte tecnológico é um diferencial para a qualidade das videoaulas, pois são fatores responsáveis pelo despertar da empatia com aprendentes. Pensando nisso e no espírito coletivo do processo de produção de videoaulas, há que se analisar a participação deles para além de meros receptores de um produto já pronto.

Sobre isso, a diretora afirma: *Produzir algo para uma pessoa que não conheço não é um problema se esse público me der um retorno. Queria ter esse retorno de um aprendente.* Ela justifica com uma comparação:

Ele precisa ser coautor desse material porque é para ele, é como tirar uma fotografia de uma pessoa, ela vai dizer: “olha eu não gosto desse ângulo, tira em primeiro plano”. São as necessidades do contexto do aprendente que precisam estar no material.

Essa situação termina configurando mais uma função para o docente: ser o elo entre a equipe de produção e o aprendente: *A gente não tem contato com o aprendente não sabe como ele pensa, e o professor de certo modo tem essas informações, se ele trazer isso pra gente, vai ser muito bom.* Por essa razão, o docente é tão importante no planejamento das videoaulas.

Pode-se dizer que a produção e o uso desses vídeos na educação online precisam ocorrer com o objetivo principal de juntar teoria e prática, a partir da transposição dos conteúdos para situações reais o mais próximas possível da realidade dos aprendentes. Se assim for, então o aprendente poderá estabelecer significados ao que está assistindo e refletir os conhecimentos e suas aplicações em situações do seu cotidiano.

Por fim, encerra-se esta parte da discussão com algumas expectativas da diretora de produção sobre o futuro das videoaulas que ajuda a produzir e que refletem aspectos da educação para o Século XXI, quando o estudante é tão autor de suas aprendizagens quanto os docentes e demais profissionais envolvidos com a educação online. *Quero que a videoaula se fortaleça. Quero ver o aprendente em vídeo, conversando, questionando com o professor. O*

resultado seria bem mais interessante. A gente vai pensar de que modo isso pode ser feito.

As vozes dos docentes e dos discentes sobre a produção de material didático

O fenômeno da convergência tecnológica agrega ainda mais complexidade e dinamismo às práticas educativas na interface cidade-ciberespaço. Vivemos momentos de intensos compartilhamentos de informações e de cocriação de conhecimentos, em que as pessoas têm praticado diversas formas de resistência coletiva às imposições de sistemas autoritários. Diante dessas mudanças, as instituições educacionais estão vivenciando o desafio de ter que atualizar seus currículos e projetos didático-pedagógicos, reescrevendo-os e recriando-os, numa dinâmica nunca antes experimentada pelos educadores.

Os professores que participaram da pesquisa não estão à margem dessa realidade. No curso de Pedagogia da UFPB Virtual, eles foram postos diante do desafio de produzir continuamente material didático em formatos que até então eram desconhecidos para eles (por objetos de aprendizagem). Uma vez sujeitos desse processo, narram experiências desafiantes e formativas vivenciadas durante a produção desse material e que nos convidam à reflexão da prática docente em cursos à distância.

Convidados a refletir sobre o que acham importante considerar para pensar e criar conteúdo didático para o curso, os docentes narraram a categoria *Situações de aprendizagem*. De suas falas, emergiram três subcategorias apontadas como relevantes para a criação de material didático na educação online: *abordagem teórica e prática*, *estímulo à autonomia* e *incentivo às interações*. São temas essenciais à educação de qualidade que, segundo Freire (2001), precisa ser pautada no equilíbrio entre formar o indivíduo para o mundo do trabalho e para o desenvolvimento de sua autonomia e consciência crítica.

Da análise de suas respostas e da observação do cotidiano do curso, percebemos a preocupação do docente em conhecer as necessidades educacionais de seus alunos, bem como suas realidades, na hora de formular os conteúdos e a didática que compõem o material. Assim, ao serem consideradas questões como estas, além das condições estruturais e *espaçotempo* de aprendizagem e os *feedbacks* sobre o curso que os aprendentes postam no AVA, pode-se afirmar que os estudantes terminam sendo coautores do material produzido. Falas como estas comprovam esse achado: “O principal é a potencialidade que esse material venha dar à compreensão; A gente ainda se preocupa com a ponta, que é o aprendente”; “Quando o aprendente escolhe o texto, já expressa proximidade com ele, daí a gente tem uma melhor ideia do que ele já conhece” e “então indiretamente os alunos vão tá me dizendo como melhorar o material”.

Pensando sobre a produção de videoaulas, narrativas dos profissionais da equipe de gravação trouxeram relatos que nos levam à reflexão sobre a docência na educação online como uma experiência formativa, em que os docentes vivem

situações novas e de aprendizagem na prática de produção desse tipo de material. Vejamos: “O professor tem a ideia da sala de aula, da palavra, do texto, mas não tem a ideia da imagem, do áudio e do visual”; “Juntos, teremos que pensar através de imagens, de sons, então é um desafio”; “Em estúdio quando vamos gravar não tem o aprendente dele, ele vai trocar ideia com a câmera”; “O professor fica tímido e, muitas vezes, não entende o modo como vamos trabalhar a videoaula, ele está lidando com uma equipe que não é de alunos, é uma equipe de gravação”; “Os professores se preocupam com o tom de voz, com as palavras utilizadas, com o que vão apresentar para o aprendente, eles têm um senso muito crítico”.

Em ambas as situações narradas anteriormente (professor planejando o conteúdo para o material e produção de videoaulas), o espírito colaborativo se faz presente. Esse é um reflexo da nova ecologia cognitiva, em que, segundo Lévy (1993), necessariamente, todos os sujeitos (humanos, biológicos e tecnológicos) constituem o complexo inteligente que constrói o conhecimento no ciberespaço. Tanto é importante destacarmos a atuação em equipe para a criação do material, quanto frisarmos que, direta ou indiretamente, docentes e aprendentes criam em coautoria as situações de aprendizagem no cotidiano dos cursos online.

Outra situação interessante que a pesquisa nos mostra é a preocupação e reflexão crítica do professor em relação aos usos das tecnologias na produção do material. A emergência da categoria *domínio das linguagens*, mostrou a necessidade que os docentes sentem de conhecer as tecnologias e descobrir a melhor maneira de utilizá-las. A análise dessa categoria nos contemplou com abordagens sobre como os professores estão lidando com a diversidade nas linguagens específicas do processo de produção de cada material do curso.

De modo geral eles refletem criticamente o que produzem e como produzem. Tal como corroboramos nas falas: “Não é só o dinamismo, primeiro vem a potencialização da compreensão, que é o principal propósito de ser multimídia”; “Alguns aprendentes tinham dificuldade em utilizar determinados objetos que traziam jogos porque não soubemos explicar o que era para ser feito, não era problema de conteúdo, era de linguagem”; “Me ponho no lugar do aprendente pra ver se a linguagem está clara; Agora, testo o uso do objeto pra ver se não tem erro”.

Vivemos o ato em que todas as linguagens são acolhidas pelos dígitos. Santaella (2004) nos ajuda na compreensão dessa realidade ao afirmar que toda tecnologia é uma tecnologia de linguagem, que transforma a linguagem em si e, conseqüentemente, as nossas habilidades mentais. Embora seja usado com o mesmo propósito, cada material é composto por mídias diferentes, produzido de maneiras diferentes, empregado em diferentes contextos e tem uma linguagem própria.

Na educação online, um aspecto fundamental ao processo de aprendizagem ensino diz respeito ao ato reflexivo como condutor da construção do conhecimento. Na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, o profissional docente também precisa atualizar suas competências, mudando seus hábitos a partir da reflexão de sua *práxis* (na reflexão e na ação). Ao

refletirem sua formação mediante os desafios de atuar na EAD, os docentes afirmaram: “Não tinha ideia do que era EAD, agora é diferente, considero que aprendi muito”; “na EAD, a gente trabalha em equipe e assim a gente diminui os problemas e soma as virtudes”.

Freire (1996) sugere que a formação permanente do educador seja norteada pela relação entre teoria e prática, fundamentada no fazer e no refletir sobre esse fazer. Após algum tempo de experiência com a educação a distância, no Curso de Pedagogia da UFPB Virtual, os professores passaram a refletir sobre o papel das tecnologias digitais na educação, inclusive fazendo comparações com o ensino presencial que, até então, era a principal referência de ensino para eles.

Quanto aos estudantes, ao interpretar as suas respostas, percebeu-se, em muitas das colocações, a preocupação com o amadurecimento das suas posturas como estudantes de um curso de formação de professores. Sua interação com o material didático do curso repercute na reflexão dos avanços e dos desafios a serem superados por eles no processo de aprendizagem online. A exemplo destas falas: “o material estimula a interação entre os aprendentes e nos faz reavaliar ou avaliar nossos conceitos e práticas”; “o aprendizado é de qualidade porque temos a nossa disposição uma gama de mediadores” e “o material deve ser visto como a ampliação de novos conhecimentos para a nossa formação”.

Sobre as perspectivas de interação subjacentes ao material, a análise dos depoimentos dos aprendentes revelou preocupações com aspectos referentes à *quantidade de informações* (“quanto mais tivermos a nossa disposição, melhor para aprimorarmos os nossos conhecimentos”), à *qualidade da linguagem* (“tem características de motivação e incentivo”; “A linguagem não impõe e sim nos proporciona leituras agradáveis”), à *contextualização teoria e prática* (“O material nos leva à relação com o prático”; “o material é ponto fundamental para clarear as ideias com novos conhecimentos”) e ao *estímulo à autonomia dos aprendentes* (“As atividades propostas aguçam a pesquisa”; “A partir das sugestões propostas, você pode atribuir novos significados aos conteúdos”).

Embora na visão dos docentes os estudantes sejam coautores do material didático produzido, nas suas narrativas percebemos que eles não se percebem como tais: “nunca fui consultada para a participação da produção do material; o material geralmente já está elaborado”; “nunca participei da escolha dos conteúdos, mas seria bem interessante se isso acontecesse”; “só não participei porque não fui convidado ainda; é sempre o professor quem escolhe”.

Primo (2003) destaca que é importante para a qualidade da interação na educação online que o aprendente possa, de alguma maneira, participar da escolha dos assuntos que serão abordados durante o processo de sua própria aprendizagem. Corroboramos o pensamento do autor e acreditamos que se assim acontecer, as chances de contextualização dos conteúdos e do planejamento de situações didáticas próximas à realidade do aprendente serão maiores.

Considerações finais

O presente artigo apresentou a realidade do curso de Pedagogia da UFPB Virtual, no que tange às contribuições das estratégias cognitivas e das perspectivas de interação subjacentes ao material didático à formação dos aprendentes, com foco nas videoaulas. Nesse contexto, considerando a análise dos dados produzidos, percebeu-se uma série de aspectos relevantes, tais como: seleção de conteúdos, escolha das tecnologias, domínio das linguagens, estímulo à autonomia e à aprendizagem coletiva e contextualização entre teoria e prática.

Percebemos na pesquisa o interesse dos docentes em desenvolver situações didáticas, segundo as concepções de conhecimento colaborativo e significativo. Para tanto, eles procuram planejar seus materiais com foco, sobretudo, em atividades de estudo coletivo e que abordem temas que contextualizem as situações práticas.

Especificamente, sobre a produção das videoaulas, percebe-se a motivação em atuar frente às câmeras de gravação. Esse processo leva o professor ao desafio de praticar o ensino numa realidade bem diferente da que ele experimenta numa sala de aula ou em um AVA. Ele atuará como interlocutor e, portanto, terá que lidar com aspectos exigidos pela estética televisiva. A expectativa do curso é de estabelecer maneiras de aproximar o aprendente desse processo de produção que ainda é muito focado somente na parceria entre a equipe de gravação e o docente.

Os materiais são concebidos segundo as premissas da hipertextualidade e de serem recursos que se complementem, dinâmicos e motivadores. O professor é o sujeito mais citado nas falas dos aprendentes e da equipe de produção de material didático, configurando como o principal autor e responsável pelos materiais. Primo (2003) ressalta, porém, que na interação mútua não há destaque para um ou outro interagente, mas sim todos são de igual relevância para a construção coletiva do conhecimento. De modo geral, aprendente, docente e conteúdo são fundamentais e igualmente importantes para o processo educacional online.

Diante do que vivenciamos durante a pesquisa no caso da UFPB destacamos duas compreensões: primeiro que o material didático de um curso a distância é o reflexo das concepções presentes no projeto desse curso e daquelas que são próprias de quem os desenvolve. Segundo, se hoje o professor da educação online é muito mais mediador que “ensinante”, o material por ele produzido precisa seguir essa mesma lógica, a fim de que se estimulem no aprendente a autonomia e o interesse pela aprendizagem. Não pode ser um material didático acabado em si mesmo. Sua dinâmica de utilização precisa fazer com que o aprendente tenha a capacidade de, por si só, sair daquele material e avançar em busca de outros conhecimentos, que ele sinta a necessidade de navegar por outros espaços. Percebe-se o processo de produção desses materiais como algo bastante sofisticado, tamanha é a sua complexidade.

Referências

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. N.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis: DP&A, 2008, p.13-38.
- ARROIO, A.; GIORDAN, M. O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino. **Educação em Química e Multimídia**, n. 24, nov. 2006. Disponível em: <<http://qnesc.s bq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2010.
- AZEVEDO JR., D. P.; RAMOS, M. S.; AZEVEDO, M. B. P. Roteirização de videoaulas para a educação on-line. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 6., São Luís, **Anais...** 2-5 jun., 2009, p. 1-10.
- BARRÉRE, E.; SCORTEAGAGNA, L.; LÉLIS, C. A. S. Produção de Videoaulas para o Serviço EDAD da RNP. **22º Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**. Aracaju, 2011.
- BRENNAND, E. G. de G.; GUIMARÃES, J. M. de M. **Educação a distância: a "rede" eliminando fronteiras**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- CARDOSO, M. Y. N. P.; SILVA, A. C. C. Metodologia para construção de materiais didáticos na EAD: do plano de ensino ao roteiro de tutoria. **Anais do 14º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância**, Santos – São Paulo, 14-17 set. 2008, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/1152008220039.pdf>>. Acesso: 04 out. 2010.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- LEMOS, A. **Cibercidade: as cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.
- LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina; Meridional, 2002.
- MARTINS, S. M. S.; BARRETO, B. M. V. B.; BORGES, L. L. Audiovisual e educação: a videoaula e as novas implicações pedagógicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., Curitiba, **Anais...** 2009. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2165-1.pdf>. Acesso em 21 ago. 2016.

OLIVEIRA, I. N. Currículo e processos de aprendizagemensino: políticas práticas Educacionais Cotidianas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013

PRIMO, A. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre, 2003, 292 p. Doutorado (Informática na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003.

PULINO FILHO, A. R. **Moodle**: um sistema de gerenciamento de cursos. Brasília: UnB, 2009.

SANTAELLA, L. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. In: LEÃO, Lúcia (orgs.). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

SENA, E. F. As videoaulas de um curso a distância: obstáculos didáticos/pedagógicos e suas implicações na aprendizagem do aluno. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, São Carlos/SP. **Anais...** EnPED, v. 1, n.1, 2012.

TAROUCO, L. M. R.. **Plataformas para suporte à educação a distância**. Informática na Educação, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2002.

Submetido em 19/08/2018.
Aceito em 23/10/2018.

